

OS SABERES CONSTRUÍDOS NOS PROCESSOS FORMATIVOS DA EDUCAÇÃO SUPERIOR E A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE PROFISSIONAL CONTRIBUINDO PARA A INCLUSÃO SOCIAL

Teresinha de Jesus Araújo Magalhães Nogueira -UFPI¹

INTRODUÇÃO

Segundo Therrien (1993), a ação pedagógica pode ser entendida como o resultado da trajetória de vida, enquanto investigador, discente ou como docente. Assim, busca-se uma análise dos saberes que constituem essa ação e sua contribuição para a inclusão social dos alunos egressos do processo de educação superior. Destaca-se também a importância da trajetória de vida dos estudantes universitários na aquisição e construção do saber, durante o processo ensino e aprendizagem e a relevância deste em sua vida.

A produção dos saberes de experiências profissionais de qualquer sujeito, tanto professor como pesquisador, seguem a mesma trajetória epistemológica. Questiona-se, portanto, a produção desses saberes na formação dos futuros formadores, ou seja, como tais saberes vêm contribuindo para a efetiva construção da identidade destes futuros professores egressos dos cursos de Pedagogia. Estão os saberes produzidos na educação superior proporcionando a seus egressos a inclusão social, possibilitando-lhes participarem das atividades sociais de sua comunidade?

Buscou-se fundamentação teórica em Michel Certeau (2003), o qual proporcionou uma melhor compreensão do cotidiano; Stuart Hall (1999), para enfoque de análise da identidade; Maurice Halbwachs (1990) e Jaques Le Goff (2003) proporcionaram perceber a importância da história e da memória na análise das diversas situações; Fernando Becker (1993), Clermont Gauthier (1998), Pimenta e Anastasiou (2002), entre outros, possibilitaram reflexões sobre a construção dos saberes e a formação da identidade dos sujeitos pesquisados.

^{1*} Professora substituta da Universidade Federal do Piauí - UFPI; professora convidada da Faculdade Santo Agostinho – FSA; mestre em Educação - UFPI; pós-graduação: Políticas Públicas - UFPI e Marketing-UFPI; graduação em Pedagogia –UESPI; membro do Núcleo de Pesquisa, Educação História e Memória da UFPI: NEHME e membro do NIEPSEF. Teresinha.nogueira@uol.com.br

Tem-se, portanto uma pesquisa qualitativa, com análise histórica, seguindo o paradigma da Nova História Cultural, de forma que se consideraram os novos sujeitos e os novos objetos que surgem no decorrer do processo. Partiu-se de uma análise das histórias de vida de ex-alunos do Campus da UESPI em Corrente-PI, por se tratar de uma cidade localizada no extremo sul do estado, a qual apresenta grandes dificuldades para a formação superior de sujeitos devido à distância em relação à capital Teresina, ou a outra que oferecesse curso superior.

Assim, por meio de uma pesquisa de campo, aplicaram-se entrevistas orais a 10% dos sujeitos egressos das duas primeiras turmas de Pedagogia, sendo que a primeira turma recebeu seus diplomas pela Universidade Federal do Piauí enquanto a outra turma deu início à interiorização da Universidade Estadual do Piauí naquela região. Propôs-se que estes alunos narrassem suas vidas em dois momentos: antes e depois da Educação Superior naquela cidade. Tem-se, portanto, este estudo desenvolvido em um único tópico que aborda aspectos da epistemologia da prática profissional na Educação Superior, sua importância para a formação identitária e a Inclusão Social.

Epistemologia da prática profissional: educação superior, formação identitária e inclusão social

Considera-se neste estudo, segundo Tardif (2002, p. 255), a epistemologia da prática profissional como sendo “[...] o estudo do *conjunto* dos saberes utilizados *realmente* pelos profissionais em seu espaço de trabalho cotidiano para desempenhar *todas* as suas tarefas”. Toma-se ‘saber’ como uma noção de amplo sentido, englobando “[...] os conhecimentos, as competências, as habilidades (ou aptidões) e as atitudes, isto é, aquilo que por muitas vezes foi chamado de saber, saber-fazer e saber-ser” (TARDIF; LAHAYE & LESSARD, 1991; TARDIF E LASSARD, 2000 apud TARDIF 2002, p. 255).

Assim, ao se tratar da epistemologia da prática, busca-se revelar esses saberes e a forma como eles vêm sendo integrados nos processos formativos da educação superior. Toma-se como princípio “[...] que a educação constitui uma prática social e histórica ligada diretamente à vida objectiva e subjectva (sic) dos sujeitos atingidos por esta prática” (TERRIEN; DAMASCENO, 1993 apud TERRIEN, 1993., p. 218).

Dessa forma, procurou-se a história de vida de ex-alunos (professores) no seu processo de formação, levando em consideração a produção e apropriação do saber como algo que resulta das interações de sujeitos coletivos comprometidos com o movimento de transformação social e a forma como eles construíram sua própria identidade social. Considera-se, portanto, de acordo com os autores citados, que o professor (a) enquanto tal ou enquanto pesquisador (a) tem a sua identidade própria, ou seja, a identidade do sujeito permanece a mesma na sua reflexão sobre suas ações. No entanto, segundo Hall (1999, p. 75) “quanto mais a vida social se torna mediada pelo mercado global [...] mais as *identidades* se tornam desvinculadas – desalojadas – de tempos, lugares, histórias e tradições específicos e parecem ‘flutuar livremente’”.

A identidade do professor é, na visão de Pimenta e Anastasiou (2002, p. 13) , “[...] simultaneamente epistemológica e profissional, realizando-se no campo teórico do conhecimento e no âmbito da prática social”. Considera-se, portanto, essa formação identitária como sendo também profissional, sendo a formação docente parte de um processo permanente, considerado pelas autoras como “um campo específico de intervenção profissional na prática social”. Assim, “Os professores contribuem com seus saberes, seus valores, suas experiências nessa complexa tarefa de melhorar a qualidade social da escolarização” (PIMENTA; ANASTASIOU, 2002, p. 12).

Pesquisadores de várias áreas bem como outros profissionais (médicos, engenheiros, advogados, entre outros, partem para o campo da docência do ensino superior como decorrência natural dessas suas atividades e por razões e interesses diversos De acordo com as autoras supracitadas, trazem consigo imensa bagagem de conhecimentos, sem, contudo, se indagarem sobre o significado de ser professor. Sua passagem para a docência ocorre naturalmente.

Para Gauthier (1998, p. 20), “Uma das condições essenciais a toda profissão é a formalização dos saberes necessários à execução das tarefas que lhes são próprias”. Percebe-se este fato ao se analisar as histórias de vida dos ex-alunos do Curso de Pedagogia da UFPI e UESPI campus de Corrente, pois, observa-se que antes de adquirirem os saberes necessários suas práticas eram assistemáticas, improvisadas, chegando a realizar as tarefas partindo de experiências de outros colegas, não planejadas. Percebe-se também que houve a formalização dos saberes necessários às ações desses profissionais ao cursarem Pedagogia,

podendo se comprovar nos depoimentos orais. Desta forma acreditou-se ser importante expor-se aqui as falas de alguns depoentes. Para não identificar os sujeitos pesquisados, procurou-se chamar simplesmente de 1º narrador, 2º narrador até o 5º narrador.

O ensino médio eu fiz em Brasília e realmente, após ter me radicado aqui nessa região, estudando na Universidade, eu tive uma visão totalmente diferente, aquela espontaneidade, aquela ânsia de entrar no nível superior e realmente não vim a me arrepender, até porque os conteúdos que foram ensinados aqui na região de Corrente, quando nós chegamos nos Congressos, realmente era a mesma coisa. Porque vem sempre aquele medo, aquela questão: será que nós estamos em desvantagens em relação às pessoas do Centro Oeste? Do Sul? Então é claro que o que foi visto aqui realmente também estava sendo visto pelos outros colegas. E o mais interessante a partir disso aí é que nós fizemos o debate a título de estarmos no mesmo patamar de informações, com isto eu fiquei bastante feliz. (PARTE DA HISTÓRIA DE VIDA DE UM EX-ALUNO DA UESPI, CORRENTE-PI – 1º NARRADOR)

As histórias de vida abordam o cotidiano de cada sujeito. Certeau, (2003, p. 31) tem por cotidiano tudo aquilo que se recebe a cada dia, que se assume, ao despertar: “O cotidiano é aquilo que nos prende intimamente, a partir do interior. É uma história a meio de nós mesmos, quase em retirada, às vezes velada”.

Recuperam-se as histórias de vida por meio da memória, considerada também como objeto, pois segundo Le Goff (2003, p. 49), “tal como o passado não é a história, mas seu objeto, também a memória não é a história, mas um de seus objetos [...]”, sendo assim, procura-se uma forma elementar de elaborar a história, tendo como objeto a memória de professores, ex-alunos das primeiras turmas de Pedagogia do Campus de Corrente, observando-se que o diploma da primeira turma foi emitido pela UFPI, mas os cursos, a partir do 2º ano, foram mantidos pela Universidade Estadual do Piauí - UESPI. Utiliza-se a história de vida, concordando-se com Halbwachs (1990, p.60), para quem “não é na história aprendida, é na história vivida que se apóia nossa memória”, logo, procura-se, nas subjetividades de cada depoimento respostas aos questionamentos propostos.

Durante a pesquisa de campo, um professor, ex-aluno da UESPI do curso de Letras, colaborou com sua história de vida, a qual considerou também relevante aos objetivos da pesquisa. Na narrativa da história de vida do depoente, tem-se também a confirmação de que, após o ensino superior, há um crescimento profissional e pessoal significativo desses sujeitos, possibilitando a formação de sua identidade profissional. Torna-se importante relatar que esses estudantes não faziam parte da elite de Corrente, sendo pessoas que moravam, em sua maioria, na região rural (nas fazendas), lugar onde a conclusão de um curso superior era quase uma utopia, e assim continuaria se não tivesse

ocorrido a interiorização desses cursos e conseqüentemente dos saberes construídos durante a formação superior.

Antes de entrar na universidade, a gente, é como diz... empurrando com a barriga, fazendo da fraqueza força, mas não tinha tanto... não tinha conhecimento. Só passava, dava aula, por força do destino o menino ainda passava porque não tinha como melhorar. Depois, eu acho que foi muito mais importante. Por quê? Porque a gente já fazia as coisas sabendo o que tava fazendo, tinha conhecimento do que tava fazendo. Antes, não! Você fazia assim... como sendo uma... um instinto, você faz a coisa porque vê o outro fazer, passa de tradição pra tradição. Agora. não! Com a universidade, a gente desenvolveu a personalidade, a criatividade. Foi muito mais importante...embora, critiquem.. algumas pessoas criticam o nosso curso, que o nosso ensino aqui seja vazio de conhecimentos...Mas foi muito importante! E outra coisa: que quando vem professor de outra cidade achando que a gente aqui é lá embaixo...fraco! Não! Chega aqui surpreende. Tem surpreendido aqui alguns professores que vieram, até na época mesmo que eu cursava, vieram alguns professores de Teresina achando que aqui a gente não era nada. Quando chegou aqui, se surpreendeu! A gente tinha conhecimento! É como diz: que não tem escola ruim quando o aluno é bom, né? Nossa região aqui é falada de capital da cultura e os alunos são muito inteligentes! Por isso nós não nos sentimos mais fracos do que os das outras capitais, não, de outros lugares, não! (TRECHO DA ENTREVISTA ORAL DE UM EX-ALUNO DA UESPI – TURMA DE LETRAS PORTUGUÊS).

Nota-se que o depoente, ao iniciar o curso superior, já era professor. Segundo ele, dava aula no interior, mas não se sentia qualificado para tanto. Assim, observa-se que esse sujeitos tem no conhecimento um mecanismo de compreensão e transformação do mundo. Conforme Luckesi (2001, 48), “Fazemos do mundo, que nos é dado, um mundo propriamente humano: um mundo cultural. E isso se dá pela prática do nosso viver e sobreviver nesse mundo”. Foi o que os depoentes fizeram, nesse processo de compreensão do mundo, ao procurarem identificar os elementos úteis, reconhecendo que “outros nos são agradáveis, que outros ainda, nos são inúteis e desagradáveis, ... e que muitos nos opõem resistência, nos dificultam a vida. E para viver temos que enfrentá-los [...] compreendê-los, transformá-los em realidade satisfatória às nossas necessidades” (LUCKESI, 2001, 48). Em sua fala o depoente demonstra como conseguiu transformar essa realidade:

Aí depois desse curso, eu fiz a pós-graduação na área de metodologia do ensino superior. Era primeiro uma monografia, mas, depois foi transformado em artigo. Meu artigo eu fiz... o tema era ‘Evasão escolar’. E aqui o professor que era pra orientar não veio na época. Então quem pode, quem teve dinheiro procurou um professor particular para orientar, mas o professor cobrou um salário mínimo. Eu, como não tinha um salário mínimo, fiz o meu por conta própria e os outros tiraram dez, quem teve ajuda do professor. Eu não tive ajuda do professor tirei 8,6, mas me sinto honrado com isso porque 8,6 é meu, né? E foi o que eu aprendi na universidade (PROFESSOR, EX-ALUNO DA UESPI CURSO DE LETRAS/PORTUGUÊS).

Corroborando a experiência acima seguem as falas de mais duas professoras, ex-alunas da UESPI:

A UESPI nos proporcionou muitas outras oportunidades. Em seguida fiz o concurso, já concluído o curso de graduação e fui aprovada no concurso do Município e hoje trabalho como supervisora pedagógica do ensino municipal. Então essa oportunidade também é um fruto pelo estudo aqui da Universidade Estadual do Piauí, campus de Corrente. Bom, um outro aspecto muito positivo da universidade foi a criação dos cursos de pós-graduação. Eu fiz docência superior e hoje já estou me inscrevendo pra fazer a supervisão pedagógica que vai ser também implantado aqui na UESPI. (EX- ALUNA ATUAL PROFESSORA DA UESPI E SUPERVISORA DO MUNICÍPIO – 2^o NARRADORA).

Bom, como eu me formei aqui, eu comecei a ver que outras janelas e outras portas se abririam em decorrência dessa formação em nível superior. Eu procurei utilizar essas portas e rever esses caminhos que se abriram. Então, com a oportunidade de um curso superior, eu pude expandir, eu pude fazer especialização, pude fazer mestrado, tô cursando meu doutorado. E especificamente enquanto profissional, eu posso dizer que esta instituição de ensino superior ela modificou a minha vida como modificou tantas outras vidas, não no sentido de uma preparação profissional mas numa realização enquanto pessoa, desenvolvimento enquanto cidadão, porque eu vejo que como professora ser mais do que a opção de dar aulas (EX-ALUNA DA PRIMEIRA TURMA DA FEDERAL E TAMBÉM DA UESPI, PROFESSORA, COORDENADORA E MESTRA EM EDUCAÇÃO- 3^a NARRADORA).

Pela narração dos (as) professores (as), percebe-se a importância dos saberes nos processos formativos, no entanto “[...] é preciso levar em conta que todo conteúdo de saber é resultado de um processo de construção de conhecimento” (LUCKESI, 2001, 48), ou seja, não são produtos acumulados.

Assim, tem-se uma visão de que é mais pertinente perceber o ensino e aprendizagem como a mobilização de vários saberes que formam uma espécie de “reservatório”, de abastecimento para o professor, ao qual ele recorre quando necessário, a fim de responder às exigências específicas de uma situação concreta de ensino e aprendizagem. Não se pode esquecer a inter-relação existente entre aluno, professor e o processo de ensino e aprendizagem.

Segundo Fernando Becker (1998, p. 35), há uma tendência de os professores considerarem o conhecimento como algo externo ao sujeito e em dicotomia com a prática, sem se questionar sobre sua origem. “Trata-se de uma concepção estática e empirista do conhecimento”.

Percebe-se nas histórias de vida que, em situações anteriores, muitos eram os professores (as) da educação básica que não passavam por esse processo de construção de seus saberes para o alcance de um efetivo processo de ensino e aprendizagem, administrando uma aula de forma improvisada. Essa situação vem sendo contornada pela LDBEN de 1996, podendo ser percebida no gráfico abaixo por meio da porcentagem de professores de 1^o grau por nível de educação, entre os anos 1996 - 2000.

	1º grau incompleto		1º grau completo		2º grau completo		3º grau completo	
	1996	2000	1996	2000	1996	2000	1996	2000
Brasil	4,6	1,4	4,4	3,1	47,2	47,2	43,8	48,3
Nordeste	10,8	3,2	7,7	5,9	58	64,1	23,5	26,8
Piauí	19,4	3,2	8	9,8	60	72,3	12,6	14,7

Fonte: Relatório do Banco Mundial, 2001.

Assim, depois da Lei de Diretrizes e Bases (LDB) 9.394/96 diminui esse quadro, pois, houve um entendimento de que todos os professores deveriam qualificar-se. A Lei, em seus artigos 61 e 62, expõe quanto à formação de profissionais da Educação Nacional, determinando que:

Art. 61 - A formação de profissionais da educação, de modo a atender aos objetivos dos diferentes níveis e modalidades de ensino e as características de cada fase do desenvolvimento do educando, terá como fundamentos:

I.a associação entre teorias e práticas, inclusive mediante a capacitação em serviço;

II. aproveitamento da formação e experiências anteriores em instituições de ensino e outras atividades.

Art. 62 - A formação de docentes para atuar na educação básica far-se-á em nível superior, em curso de licenciatura, de graduação plena, em universidades e institutos superiores de educação, admitida, como formação mínima para o exercício do magistério na educação infantil e nas primeiras séries do ensino fundamental, a oferecida em nível médio, na modalidade Normal (SAVIANI, 1999, p. 181).

Em uma análise da LDBEN, torna-se importante a pesquisa da prática e da realidade que constitui os processos formativos que possam estabelecer as relações entre os diversos contextos e interpretá-los à luz da prática, pois

o papel da teoria é o de alargar a compreensão que se tem da prática nos contextos nos quais se realiza (escola, sistema de ensino, movimentos sociais), para criar as condições objetivas de transformá-las no sentido que se faz necessário (da utopia que se deseja) (PIMENTA, 1997, p. 70).

Assim, tem-se o reconhecimento de que a universidade, em sua valorização, representa o ponto de resistência, de luta e de espaço organizado propício a engendrar um saber diferenciado e orientado para uma transformação social. Sobre isso afirma Pimenta:

Em nosso entendimento, nos processos de formação de professores, é preciso considerar a importância dos *saberes das áreas de conhecimento* (ninguém ensina o que não sabe), dos *saberes pedagógicos* (pois o ensinar é uma prática educativa que tem diferentes e diversas direções de sentido na formação do humano), dos *saberes didáticos* (que tratam da articulação da teoria da educação e da teoria de ensino para ensinar nas situações contextualizadas), dos *saberes da experiência* do sujeito professor (que dizem do modo como nos apropriamos do ser professor em nossa vida). Esses saberes se dirigem às situações de ensinar e com elas dialogam, revendo-se, redirecionando-se, ampliando-se, e criando [...] são as demandas da prática que vão dar a configuração desses saberes (PIMENTA; ANASTASIOU, 2002, p. 71).

O ensino ocorre em contextos sociais que se apresentam de forma específica, ou seja, em sala de aula, como culturas, contudo há uma compreensão também de que as “escolas dos excluídos sociais” representam um espaço não só de reprodução, mas também um espaço onde o saber social é construído juntamente com uma cultura de resistência, que nasce em oposição ao saber dominante.

Reconhece-se na universidade um papel social de grande relevância e, à medida que a sociedade muda, ela também se transforma, ou seja, está acompanhando a dinâmica do contexto em que se insere, podendo ser considerada um espaço propício para as discussões e reflexões sobre a efetiva função da universidade hoje, para que ela possa realmente exercer o seu papel de atender às demandas sociais e, ao mesmo tempo proporcionar a formação, reflexão e criação crítica, possibilitando a produção da cultura e do conhecimento por meio da pesquisa e do ensino.

No entanto, questiona-se a qualidade social desse ensino. Em razão disso, lançou-se um olhar sobre a educação superior na cidade de Corrente, em busca de se investigar se está, por meio de seus saberes, a educação superior contribuindo com a construção da identidade profissional e possibilitando a inclusão social de seus egressos.

Fez-se para tanto a análise das histórias de vida desses sujeitos protagonistas desse processo. Coloca-se aqui a visão desses narradores acerca de sua vida e da importância dos saberes da educação superior na transformação de suas história de vida (escolheram-se algumas dessas histórias entre os ex-alunos):

Minha vida, eu sou brasileiro, mas minhas raízes são aqui de Corrente e hoje Sebastião Barros, então minha família é daqui. Estudei em Brasília durante 14 anos, vindo sempre aqui nas férias, após terminar o ensino médio e acabei trabalhando na zona rural como professor, mas sempre querendo retornar a Brasília para fazer um vestibular. Foi aí justamente que surgiu a Universidade Estadual do Piauí e me candidatei até num curso de Licenciatura Curta de Letras e posteriormente fiz um outro vestibular também para Pedagogia, acabei sendo aprovado nos dois, então estudei em épocas paralelas, tanto no curso de Letras como no curso de Pedagogia. [...] E a universidade ela realmente está se expandindo, é um fator benéfico, um fator que realmente nos deixa satisfeito porque o que nós devemos averiguar é que a educação hoje principalmente a educação superior está sendo acessível, a questão das classes sociais menos favorecidas, em Corrente a Universidade Estadual do Piauí está dando oportunidades, isso é mais importante, que todos venham a ter o nível superior ter um conhecimento, ter uma visão de mundo diferente, não ser encabrestado, por exemplo ter uma consciência crítica dos fatos e isso é mais importante e a Universidade acima de tudo deve desenvolver no educando essa desenvoltura pelo senso crítico (EX-ALUNO DA PRIMEIRA TURMA DE PEDAGOGIA DA UESPI, GRADUADO EM BIOLOGIA; PÓS-GRADUADO EM EDUCAÇÃO, COORDENADOR DO CURSO DE BIOLOGIA DA UESPI).

Percebe-se ao se trabalhar com a história oral, que “não é suficiente estudar idéias, discursos, programas, papéis sociais [...] torna-se importante tentar entender a maneira como professores e alunos reconstituíram suas experiências, relações [...] por meio das quais construíram a si próprios como sujeitos históricos” (SOUZA, 2004, p. 52). Assim, constata-se, na fala do depoente, a construção de sua identidade profissional, e o desenvolvimento de sua capacidade crítica, que lhe possibilita agir de forma mais participativa na sociedade em que vive. Outras histórias são narradas, tendo em comum transformações de vidas e a construção de novos seres:

A minha história de vida é muito parecida com a história de muitas pessoas que fazem parte da UESPI hoje. Eu nasci no interior, estudei em escolas do interior, em seguida vim pra cidade, morei em casa de família, pra estudar. Estudei na escola pública, só na 5ª série fui para escola particular, no Instituto Batista Correntino. Fiz o ginásio, como era chamado na época, e em seguida fiz o magistério, escola normal, fiz o 4º ano adicional e em seguida fiquei parada sem oportunidade de estudo. Depois veio o casamento, filho e fiquei parada. A UESPI foi uma mudança muito grande na minha vida e na vida de muitas pessoas de nossa cidade que estavam sem oportunidade de estudo, sem expectativa de conhecimentos, de melhoria de qualidade de vida e a UESPI nos proporcionou essa mudança. Eu fiz o vestibular na segunda vez, fiz na primeira turma da UESPI e hoje me sinto assim, muito feliz porque posso colaborar com a instituição com minha cidade, com o meu estado... Assim, hoje eu sou fruto dessa instituição, então eu sou muito feliz pela UESPI existir no nosso município. [...]

Olha, a UESPI aqui em Corrente, mudou a vida de muitas pessoas, inclusive a minha, porque sem a UESPI eu não teria oportunidade de fazer uma graduação. Então eu já estava casada, já tinha o primeiro filho e não tinha como deslocar daqui para Teresina, eu não tinha condições financeiras para me manter numa cidade maior pra fazer a graduação. Então, eu agradeço assim, de coração, a expansão da UESPI para o sul do Estado, que deu oportunidade, não a mim, mas a muitas pessoas (2ª NARRADORA).

Estudei em uma escola particular em Corrente, Educandário Lustosa Sobrinho, que hoje não existe mais. Depois que eu fiz a 4ª série, eu fui para o colégio São José, que é uma escola católica, fiz até a 8ª série, depois eu fui para o Instituto Batista Correntino, que também é uma escola evangélica e eu fiz, naquela época, o 2º grau, modalidade Normal, que é o magistério hoje. E aí eu terminei em 88, e passei algum tempo sem estudar. Em 1992 eu passei no vestibular para Pedagogia, naquela época, a Universidade Federal do Piauí, primeira turma que funcionou no campus na época das instalações da FESPI e em seguida deu-se continuidade aos cursos superiores, mas não mais da Universidade Federal, depois da minha turma veio a Universidade Estadual – 1ª turma. Então quando eu estudei, minha turma de pedagogia era a Universidade Federal do Piauí, então sou formada pela Universidade Federal do Piauí. Nesse tempo eu já era professora, já trabalhava como professora e fui paralelamente trabalhando e estudando. [...]

Bom, inicialmente eu fiz a colocação de que sou formada pela Universidade Federal do Piauí, mas [...] eu considero a UESPI como sendo a minha instituição no sentido onde eu tenha me formado, porque eu me formei pela Federal, mas o que existe na verdade hoje é a UESPI em Corrente. E a instituição, podemos assim dizer, sem especificar a UESPI ou a Universidade Federal, ela contribuiu especificamente pra mim, a minha formação enquanto profissional e a minha realização enquanto pessoa, porque se eu não tivesse feito um curso superior eu seria uma professora de ensino fundamental com um curso de magistério a nível de 2º grau, e não teria me expandido, talvez por não ter a condição de ir para Teresina ou de ir pra Brasília ou de um centro mais desenvolvido e mais próximo de Corrente. (EX-ALUNA DA UFPI/UESPI - CAMPUS CORRENTE, PROFESSORA E MESTRE EM EDUCAÇÃO; 3ª NARRADORA).

Sou correntino, moro aqui desde o meu nascimento, estudei sempre aqui, graças a Deus, numa escola particular. Como falamos anteriormente, tive a felicidade de estudar no IBC, lá desde as séries iniciais e terminei o ensino médio profissionalizante na época, como técnico-agropecuário em seguida fiz o curso Normal [...] tivemos um período sem estudar, praticamente dois anos, exatamente porque na época a nossa cidade não dispunha de nenhuma universidade nem um campus e nós tivemos que dar uma saída; [...] Voltei pra Corrente, a minha esposa ainda estudante também e aqui nós passamos por muita dificuldade nesse período, já tínhamos uma filhinha, fomos morar de favor, e a gente dá graças a Deus a Igreja Batista e juntamente com o IBC, que nos acolheu; [...]

E esse campus foi aberto aqui em Corrente com as turmas de Pedagogia e Agronomia, e nós tivemos a felicidade de ser alunos da primeira turma de Pedagogia, já na direção da UESPI, da Universidade Estadual do Piauí. Na época passamos os três, eu e mais dois irmãos. [...] Então que a gente vê é que a região de Corrente hoje tomou novos ares, inclusive através de pesquisas recentes é um dos municípios que tem o menor índice de analfabetismo do estado do Piauí, e um dos índices de maior número de alunos freqüentando a escola, não pelo fato das iniciativas das políticas educacionais promovidas em nível de governo federal e estadual, mas eu creio e tenho certeza que é um grande prazer, um grande valor que o pessoal da região de Corrente tem dado à educação e principalmente pela participação da UESPI através do campus aqui em Corrente. E eu acredito e tenho visto que após isto, como falei anteriormente, o campus da UESPI aqui em Corrente deu um grande impulso na educação no Extremo Sul do Piauí em um modo geral (EX-ALUNO DA 1ª TURMA DA UESPI, PÓS-GRADUADO EM METODOLOGIA DA EDUCAÇÃO SUPERIOR, PROFESSOR E COORDENADOR DO IBC; 4º NARRADOR).

Eu nasci [...] no município de Corrente, sou filho de um vaqueiro e uma doméstica. Lá eu iniciei os meus estudos indo para o Paraím, Paraím de Cima, na fazenda [...] estudei desde as primeiras séries até a terceira série, como lá não havia as outras séries, em 1974, fui convidado [...] para vir morar e estudar em Corrente, meu pai aceitou o convite. [...] Concluí a quarta série em 74. Em 1975 eu fui para o São José, chegando lá também como aluno pobre e humilde, o padre me doou uma bolsa, ela era uma bolsa especial, quando ela vinha além de me ajudar a comprar o material, comprava também minha roupa para estudar. [...] Concluí o ginásio no Colégio São José em 79, foi em 78, em 79 fiz o primeiro ano básico, em 81 concluí o Ensino Médio, antigo escola técnica de contabilidade. Mas eu não me senti satisfeito com esse curso e fiz o teste seleção do Instituto Batista Correntino, [...] e ingressei lá na Escola Normal no 2º ano normal e também é... pagava algumas disciplinas do 1º ano, porque no São José eu paguei foi matéria mais direcionada a Contabilidade. Aí estudei, 84, quando foi 85 concluí a Escola Normal. Em 86, maio, eu fiz o concurso para ser professor do estado, e passei no concurso, no dia 12 de maio fui convidado a ser professor concluinte, e iniciei minha carreira como professor aqui em Corrente, do Coronel Justino. [...] Eu acho que a expansão da universidade, não na verdade de Corrente, da estadual para Corrente, ela foi de grande importância para o ensino de Corrente, para a vida social dos correntinos. Houve uma mudança de vida, do pessoal aqui de Corrente, eu mesmo sou um dos exemplos, eu já falei pra vocês, a nossa vida mudou. Eu acho que nós não tínhamos uma casa pra morar, nós não tínhamos um emprego, não tinha alguma coisa, e hoje eu consegui ter uma qualidade de vida melhor, devido o estudo que eu consegui através dessa universidade. Como eu já falei pra você, eu fiz pós-graduação nela também, eu devo tudo à Universidade Estadual de Corrente, sou muito grato a essa universidade (EX-ALUNO DA UESPI CAMPUS CORRENTE-PI, PÓS-GRADUADO, PROFESSOR DO MUNICÍPIO E DO ESTADO – 5º NARRADOR).

Diante das histórias de vida acima transcritas, percebe-se que a educação superior em Corrente tem dado oportunidade a muitos sujeitos que de certa forma, estavam à margem desse processo, possibilitando a construção de novos saberes por parte desses atores sociais. Destacam-se algumas expressões de reconhecimentos, amor, gratidão em frases como: “eu devo tudo à Universidade Estadual de Corrente, sou muito grato a essa

universidade”; “Então, eu agradeço assim, de coração, a expansão da UESPI para o sul do Estado, que deu oportunidade, não a mim, mas a muitas pessoas”.

Percebe-se nas narrações que a educação superior deu muita oportunidade às pessoas da comunidade: “Na época passamos os três, eu e mais dois irmãos”; “[...] o campus da UESPI aqui em Corrente deu um grande impulso na educação, no extremo sul do Piauí em um modo geral”.

Observa-se, portanto, a fundamental importância dos diversos saberes na formação profissional e identitária dos sujeitos de acordo com as falas: “Antes, de entrar na Universidade, a gente [...] não tinha conhecimento. Só passava, dava aula, por força do destino [...] Depois, eu acho que foi muito mais importante. [...] a gente já fazia as coisas sabendo o que tava fazendo, tinha conhecimento do que tava fazendo. Antes, não! Você fazia assim... como sendo uma...um instinto, você faz a coisa porque vê o outro fazer, passa de tradição pra tradição. Agora. não! Com a universidade a gente desenvolveu a personalidade, a criatividade”.

Por meio da Educação Superior e os saberes ali construídos, percebe-se o crescimento profissional na fala de todos os depoentes, finalizando com as considerações da narradora, atual Mestre em Educação: “[...] a Universidade [...] ela contribuiu especificamente para [...] minha formação enquanto profissional e a minha realização enquanto pessoa”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Reconhece-se nesse estudo a relevância dos saberes construídos nos processos de ensino e aprendizagem da educação superior, considerando-se que esses saberes fazem parte de uma prática social e histórica ligada diretamente à vida dos diversos sujeitos atingidos por essa prática.

A importância deste estudo relaciona-se à análise das histórias de vida dos professores, ex-alunos da UESPI, pois, a partir dessas histórias, foi possível perceber as significações existentes que levaram à reconstrução por parte desses sujeitos de experiências por meio das quais constituíram suas identidades como sujeitos históricos.

Percebe-se nas falas a necessidade de cada um (a) em ter um certo domínio subjetivo do conhecimento, das experiências, para que se sintam autores da sua própria

educação e formação profissional. Segundo os sujeitos investigados ocorreu grande transformação em suas vidas, observando-se, na pluralidade de suas identidades, a construção de novos percursos históricos proporcionados pela educação superior. Observa-se assim a ascensão de novos atores sociais, que assumem posições e papéis na realidade política e administrativa local como consequência do processo formativo (saberes e práticas) da educação superior.

REFERÊNCIAS

BECKER, Fernando. **A epistemologia do professor: o cotidiano da escola**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

BRASIL. **RELATÓRIO DO BANCO MUNDIAL**, 2001.

CERTEAU, Michel. **A invenção do cotidiano**. 9. ed. Petrópolis: Vozes, 2003.

GAUTHIER, Clermont et al. **Por uma teoria pedagógica: pesquisa contemporânea sobre o saber docente**. Ijuí:UNIJUÍ, 1998.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice; Editora Revista dos Tribunais, 1990.

LE GOFF, Jaques. **História e Memória**. 5. ed. Campinas, São Paulo: UNICAMP, 2003.

LUCKESI, Cipriano et al. **Fazer Universidade: uma proposta metodológica**. 12. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

PIMENTA, Selma Garrido; ANASTASIOU, Graças Camargo. **Docência do ensino superior**. São Paulo: Cortez, 2002.

SOUZA, Maria Cecília Cortez Cristiano de. **A escola e a memória**. Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2004.

SAVIANI, Dermeval. **A nova lei da Educação: trajetórias, limites e perspectivas**. 5. ed. Campinas—SP: Autores Associados, 1999.

TARDIF, Maurice. **Saberes Docentes e formação Profissional**. Petrópolis: Vozes, 2002.

TERRIEN, Jacques. Experiência profissional e saber docente: a formação dos professores questionada. IN: TARDIF, Claude e Guthier, Clemont. **Formação de professores e contextos sociais**. Porto: RES, 1993.